

**ABRINDO UMA MATRIOCHKA NO ARQUIVO: LIÇÕES DE MÉTODO DE MÁRIO DE ANDRADE****Gabriela Kvacek BETELLA\***

**Resumo:** Este trabalho apresenta os resultados da experiência de contato com o Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com vistas a contribuir para a edição de um volume das Obras Completas do autor. A análise de alguns textos do livro em que Mário pretendia reunir suas crônicas críticas demonstra não apenas sua ampla erudição e capacidade de buscar instrumentos de pesquisa, como também aponta a argúcia intelectual, por vezes misturada ao bom humor ou às considerações polêmicas, traços da personalidade do escritor paulistano.

**Palavras-chave:** Arquivos. Mário de Andrade. Crônica.

**OPENING UP A MATRYOSHKA IN THE ARCHIVES: LESSONS ON METHOD BY MARIO DE ANDRADE**

**Abstract:** This study presents the results of the experience gained from contact with the Mario de Andrade Archives at the Institute of Brazilian Studies at the University of Sao Paulo. The objective was to contribute to the edition of one volume of the author's Complete Works. The analysis of selected texts from the book, in which Mr. Andrade intended to collect his chronicles of criticism, demonstrates not only his broad knowledge and capacity to seek out research tools, but also reveals his intellectual subtlety. This, at times, intertwined with good humor or controversial considerations, betraying well-known personality traits of this *Paulistano* writer.

**Keywords:** Archives. Mario de Andrade. Chronicle.

*“Uma lição edificante de trabalho e probidade intelectual é o estudo dos seus originais, – ou antes, dos originais de obras incompletas (...).”*

Antonio Candido

---

\* Professora Assistente Doutora - Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2100, CEP 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: [betella@assis.unesp.br](mailto:betella@assis.unesp.br), [gabrielakvacek@uol.com.br](mailto:gabrielakvacek@uol.com.br)

**Pastas intermináveis, testes incansáveis para o livro**

Ainda há surpresas com novidades descobertas nos guardados de Mário de Andrade. A farta correspondência já produziu volumes de fôlego, sobretudo no tocante à pesquisa capaz de evidenciar “um extraordinário documento sobre a vida intelectual brasileira”, atestando “a trama de relacionamentos e interações, a qual proporciona um retrato fidedigno da inteligência brasileira nas décadas de 1920 e 1930, de passagem entre o esvaimento da cultura oligárquica, nucleada num *corpus* predominantemente literário, pulsante na obra dos modernistas, e as balizas de uma cultura universitária profissionalizada.” (MICELI, 2009, p.168-9). Muito se comenta sobre os documentos preservados em forma de manuscritos, correspondência, *marginalia* e leituras. Mas o fato é que o arquivo do escritor, depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, tem sido incansavelmente pesquisado ao longo dos últimos vinte anos, pelo menos, com intenções de editar o que Mário planejava por meio de planos dispostos cuidadosamente em forma de textos revisados, recortes, anotações, lembretes.

A equipe coordenada por Telê Porto Ancona Lopez conduz o projeto temático de estudo do processo de criação de Mário de Andrade a partir de seu arquivo, e tem produzido teses e dissertações tratando de obras conhecidas e inéditas do escritor. Além disso, os trabalhos do grupo vêm produzindo, nos últimos quatro anos, as recentes edições da obra completa, trazendo à luz textos inéditos e coletâneas organizadas rigorosamente de acordo com as observações deixadas pelo autor. Assim, resultados como a tese de Tatiana Longo Figueiredo, sobre a trajetória do romance inédito *Café* e as implicações teóricas de uma obra inacabada ou interrompida, têm como objetivo a edição genética, que se aprofunda no rascunho e analisa o processo criativo (FIGUEIREDO, 2009). Pesquisas como a de Paulo José da Silva Cunha exploram a biblioteca de Mário e suas notas de leitura para restituir as fontes da crítica que, no caso deste estudo, repassa aspectos do cinema<sup>1</sup>. Desde 2010, o projeto temático financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo conta com a revista eletrônica *Marioscriptor*, cujo propósito é partilhar resultados do projeto, que advém de uma postura epistemológica, concretizada em metodologia e técnicas de pesquisa especialmente pensadas para os manuscritos da criação de Mário de Andrade.

Em 2009, continuamos o trabalho de edição de um pequeno lote do Arquivo Mário de Andrade. Revisitamos os textos que o autor organizou, crônicas críticas que nunca haviam sido publicadas juntas, e pretendiam ser a continuação de famosa coletânea de crônicas. Alguns dos textos que lidamos são inéditos em livro, e o conjunto nunca saiu com essa forma, que provém de algumas das pastas (na verdade, capas em cartolina reaproveitadas, escritas em vermelho, uma das pontas do lápis de professor) da Série Manuscritos e segue

o plano do autor para a edição de dois volumes de crônicas suas, *Os Filhos da Candinha*<sup>2</sup> e *Os Filhos da Candinha Ilo. volume*.

Os manuscritos referentes às crônicas constituem verdadeiro dossiê da revisão de *Os Filhos da Candinha* e da edição de *Os Filhos da Candinha II*, projetos interrompidos pela morte do escritor, como tantos outros em que o cuidado com a própria obra se revela. Os manuscritos contêm datiloscritos dos textos publicados na primeira edição de *Os Filhos da Candinha* e sua versão em exemplar de trabalho na edição *princeps*, além de crônicas em recortes de periódicos e outros datiloscritos. As pastas de cartolina dispõem-se de modo a agregar tudo desta forma: uma pasta abriga textos sob o título de *Os Filhos da Candinha (Usados no primeiro volume)*, e a outra, nosso objeto, *Os Filhos da Candinha Projeto do IIº volume, Crônicas recusadas, Índices*, dentro da qual, como nas bonecas russas, encontramos outras capas improvisadas que assim se apresentam com os seguintes conteúdos:

- *Os Filhos da Candinha Projeto de IIº volume*: notas autógrafas, crônicas recortadas de jornais com notas de trabalho, datiloscritos originais e cópias de textos publicados, num total de 13 textos e uma nota assinalando, provavelmente, a inclusão de dois prefácios nesse conjunto.

- *Já recusados pros Filhos da Candinha*: datiloscritos originais, autógrafo, recortes de jornais e revistas com notas de trabalho, em 9 textos, sendo que um deles aparece na mesma versão em dois periódicos diferentes.

- *Ainda postos em dúvida pros Filhos da Candinha*: datiloscritos originais e cópias de publicações, recortes de jornal com notas de trabalho – são 4 textos.

Mário remexeu e reorganizou os documentos de *Os Filhos da Candinha* por volta de 1942, desenvolvendo o que manifestara por carta a Manuel Bandeira quase uma década antes. Na verdade, o incentivo veio do poeta pernambucano, em carta ao amigo paulista em 1º. de maio de 1934, quando Bandeira agradece o envio de *Belazarte* (livro de contos) e de *Música, doce música* (volume de crítica), observando ao amigo sobre os artigos mormente destinados à existência efêmera:

Não preciso dizer que considero estas levianices p'ra jornal, como você diz, parte importante de sua obra – neste sentido, que era preciso que um brasileiro dissesse estas coisas para os brasileiros e dissesse em livro que fica em pé. Mesmo no seu caso pessoal, porém, era uma face que faltava em livro. Agora fica faltando só a face da crítica literária.<sup>3</sup>

Mário é bem receptivo, a ponto de revelar, em carta de 24 de maio daquele ano, seu plano para um livro de crônicas:

A sua idéia de que falta compilar ainda em livro algumas coisas minhas de jornal, pra me mostrar na minha integridade (atual) não está longe dos meus propósitos. Você fala dum livro de crítica literária, e estou perfeitamente de acordo. [...] O que imaginei, e me parece mais feliz, será reunir em livro um certo número de crônicas de vários assuntos, dentre as melhores que publiquei por aí tudo, principalmente no Diário Nacional. E descobri um nome adorável pro livro: Os Filhos da Candinha.<sup>4</sup>

Quando a proposta se efetiva, após a temporada de residência no Rio (1938 a 1941), que funcionou como exílio sem perda de prumo, Mário não produz apenas um volume “de vários assuntos”, mas três, elencados em carta para Manuel Bandeira: as “crônicas literárias” reunidas em *Os Filhos da Candinha*, mais “o de ensaios críticos e o de artigos de críticas literárias”<sup>5</sup> Envia-os ao Rio de Janeiro para Álvaro Lins, na época responsável pela coleção Joaquim Nabuco da editora de Max Fischer, a Americ-Edit, que publica o segundo volume mencionado por Mário – a reunião de ensaios, nada menos que a primeira versão de *Aspectos da Literatura Brasileira*<sup>6</sup>. O terceiro livro da lista tornou-se o segundo tomo de *Os Filhos da Candinha*, que Mário assim define para o amigo: “Quanto ao livro de crônica de crítica literária vai mais pro Álvaro Lins escolher entre ele e o de ensaios. Tem a vantagem de uma contemporaneidade bem maior que a dos ensaios.”<sup>7</sup> Vale lembrar que os conjuntos agrupados cuidadosamente são resultados de um percurso que não titubeou em separar ensaio, crônica literária e crônica crítica. Hoje, percebemos a clareza dessa divisão, em parte graças aos vínculos de pensamento, às filiações formais e à retomada no segundo volume de *Os Filhos da Candinha* de artigos produzidos por Mário de Andrade nos anos de 1920 e 1930 para o *Diário Nacional* e entre 1939 e 1940 para a sua coluna dominical Vida Literária no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro<sup>8</sup>.

Não se pode deixar de notar a predileção do escritor paulista, naquele momento, pelo livro de crônicas literárias, devido ao “estilo normal”, “estilo que permite seguimento, seqüência”, ao compará-lo com seus livros anteriores: “o estilo poético-heróico do *Macunaíma* tinha que ser o que é mas pra esse livro, e o de *Belazarte* é estilo falado e não, escrito.”<sup>9</sup> Conforme se constata, Mário de Andrade expõe uma tremenda consciência do alcance de sua obra e das possíveis classificações dela. Adiantando-se na análise, autocrítico, o escritor proseia sem repisar conceitos, explicando intenções e práticas de escrita e de organizador.

A primeira edição de *Os Filhos da Candinha* sai em 1943, pela paulista Livraria Martins Editora, e as notas no exemplar de trabalho sinalizam a revisão que o autor desejava para as Obras Completas, a sair pela mesma casa. Essas afirmações atestam a importância de estudar a produção de Mário de Andrade à luz dos documentos do arquivo dele, especialmente as séries correspondência e manuscritos, sobretudo para edições capazes de circunstanciar o processo criativo envolvido na produção, nas emendas, nas

revisões, enfim, na organização de um livro “com uma insatisfação desesperada e uma implacável minúcia”, na expressão de Antonio Candido, para quem esse procedimento sintetiza a “combinação da humildade (mostrando que era preciso emendar sempre) e da confiança (mostrando que era capaz de emendar e visar ao melhor).”<sup>10</sup>.

O esforço de composição do segundo volume de *Os Filhos da Candinha* deve ter acontecido desde 1942, com a separação dos volumes de crítica e crônica, até 1944, quando Mário trabalhou em textos que cobrem pontualmente as duas décadas entre 1923 e 1944. A “contemporaneidade” à qual se referia o autor em 1942 deve-se ao critério na escolha e na reformulação que prosseguiria. Os textos não seguem ordem cronológica, há retrocessos de mais de uma década já no primeiro bloco, o das crônicas “acertadas” para o livro, agrupadas de modo a obedecer uma sutil divisão temática, que desrespeitou a ordem cronológica. Assim, se nos detivermos sobre a primeira seção das pastas do projeto de *Os Filhos da Candinha IIº volume*, podemos resumir: necrológio com depoimento pessoal (em João Alphonsus); crônica musical (nos dois textos Romain Rolland, Músico e Paganini); notas “autobiobibliográficas” (em Amadeu Amaral e Notas diárias); crítica da crítica (Do Cabotinismo); estudos de linguagem (De Linguagens; Pintura e Assunto; Um poeta místico); ensaio que repensa o Movimento Modernista (Convalescença); cartas abertas (Carta aberta a Alberto de Oliveira; Carta Aberta a João Alphonsus; Contrabando de Passadismo). Nota-se, durante a leitura, que vários textos cabem em mais de uma categoria, ou seja, a organização privilegia os assuntos principais, enquanto a nota pessoal estabelece o grande elo entre as crônicas.

Dois prefácios são convocados para a coletânea, conforme mostra a anotação numa página solta de bloco de bolso: “Os Filhos da Candinha/ Prefácio a Otavio de Frei-/tas Junior/ Prefácio a Rossine Camar-/go Guarnieri”. A partir da nota, provavelmente escrita durante a organização das pastas relativas aos volumes de *Os Filhos da Candinha* e mantida no conjunto de papéis do segundo volume como lembrete, é possível chegar aos textos indicados, com alguma sorte, fontes seguras e bons acervos. O prefácio para o livro do poeta Rossine Camargo Guarnieri (com o título de Apresentação) foi escrito primeiro, publicado em 1938, no volume *Porto Inseguro*, pela José Olympio, e mantém relações com parte de um artigo de 1939, publicado no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro e recolhido, posteriormente, em *O empalhador de passarinho*: trata-se do Três faces do eu, que comenta *Carrossel Fantasma*, de Fernando Mendes de Almeida, *A menina boba*, de Oneyda Alvarenga e o já prefaciado *Porto Inseguro*, de Rossine Camargo Guarnieri. Aqui Mário de Andrade, que insistiu para a publicação dos poemas pela disputada editora, aponta o caráter de humanidade e o signo social da poesia de Guarnieri, mas não deixa de assinalar os problemas da poética do moço, coisas que não aparecem na Apresentação de 1938.

De 1943 é o segundo prefácio assinalado no lembrete, Novo Momento Pernambucano, escrito para *Ensaio do nosso tempo*, livro de Otávio de Freitas Júnior, que saiu pela Casa do Estudante do Brasil, após o autor ter sido reconhecido pelo volume *Ensaio de Crítica de Poesia*, de 1941. Freitas Júnior, psiquiatra pernambucano e também poeta, mereceu atenção de Mário de Andrade antes do mencionado prefácio, em artigo de 1942 sobre seu ensaísmo: Otávio e a Poesia, também recolhido para *O empalhador de passarinho*. Novo Momento Pernambucano foi incluído com mais dois ensaios (Amor e Medo; O Movimento Modernista) na nova organização de *Aspectos da Literatura Brasileira*, de acordo com o projeto de Mário para as Obras Completas, e teve o título alterado para Segundo Momento Pernambucano.

As crônicas críticas de Mário de Andrade podem alimentar muita discussão com base nas declarações do cronista sobre matérias diversas, especialmente a atitude artística, conforme veremos adiante. Interessa-nos, agora, a amplitude da argúcia pretendida por uma criteriosa seleção de textos e pela cuidadosa revisão para o volume. Entre os papéis da pasta *matriochka* há recortes, textos copiados à máquina de periódicos, textos datilografados inéditos, pequenos manuscritos autógrafos, e boa parte deles sofreu correções, supressões e acréscimos, trabalho por meio do qual se depreende a história de um livro, como se observa, por exemplo, em Paganini, crônica publicada em *O Estado de S. Paulo*, de 24 de março de 1940, republicada sem alterações na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 de março de 1944, e presente em versão copiada à máquina e corrigida à mão. Este datiloscrito depositado na pasta *Os Filhos da Candinha Projeto de Ilo volume* difere tanto das duas versões anteriores quanto do texto que integra o volume *Música, Doce Música*, das Obras Completas. Caminhos como esse atestam a diligência com a contemporaneidade que chegava a perturbar Mário de Andrade e, ao mesmo tempo, quase ironicamente, subsidia a crônica como gênero e caracteriza sua permanência no tempo.

A propósito, Paganini é uma crônica cuja abertura não traz o tom analítico nem o didatismo de outras peças críticas. Mário aproveita uma das lendas sobre o violinista italiano e recria a história com grande vivacidade. Ares machadianos no longo prólogo, jeito das crônicas finisseculares que surpreendiam os leitores com entradas sem explicações de fatos nem apresentação de personagens, acrescidas de descrições inusitadas:

*A signora adorava o violino. Às vezes, nos ócios pesados da sua gravidez, lhe vinha aquela ansiada instância de ter um filho violinista, e ela suspirava pra desabafar: Ah, se o meu filho for um grande violinista... Ora aconteceu que numa suadíssima noite de verão (foi justamente numa noite de verão) já estando a senhora no seu sexto ou sétimo mês da sua gravidez, teve ela um sonho que jamais se poderá decidir exatamente si foi sonho ou pesadelo. Eis que entre róseas nuvens feitas de milhares de mãozinhas*

batendo palmas de grato som, lhe aparece um desses estranhíssimos seres celestes que estamos acostumados a chamar de “anjos do Senhor”. Era um anjo muito esbelto, um verdadeiro exagero virtuosístico das figuras boticelianas. O pescoço se alongava tanto que somado às curvas macias do corpo e aos papelotes cravelhosos da cabeça, (o anjo usava papelotes), tudo junto dava exatamente a imagem do violino. Os braços e as pernas, de tão magros, pareciam arcos do mesmo instrumento admirável. E o anjo do Senhor, abrindo caminho com dificuldade por entre as nuvens de palmas aplaudidoras, de repente deu um pulinho e caiu sentado no ventre da senhora adormecida. O baque foi muito desagradável. Então o anjo explicou que toda aquela coreografia era necessária para que a *signora* Teresa, esposa de Antonio Paganini, tivesse brevemente um filho chamado Niccolò, que seria o maior de todos os violonistas da terra. Daí tudo desapareceu num átimo, a senhora acordou e pediu água ao marido. E muito provavelmente por causa deste sucesso é que existiu Niccolò Paganini, cujo centenário celebramos.<sup>11</sup>

Em seguida, o texto passa a absorver dados biográficos do *virtuose* para traçar o significado de sua contribuição para a música ocidental moderna. O resultado é uma crônica biográfica cortada a lâmina finíssima por momentos de ficção saborosa, na justa medida para o protagonista, cuja vida, contada em detalhes na pena de Prod’homme, parece ter sido tão inebriante quanto o legado musical. A crônica de Mário sintetiza as emoções como uma peça tocada pelo violino solo, com as diferenças de ritmo adequadas e vindas do movimento do arco sobre as cordas:

Os mais argutos, no tempo, percebiam que naquelas execuções assombrosas, se estava constantemente muito longe da música, num vazio rutilante, que era só deslumbramento, nada mais. Porém mesmo esses, reconheciam que sempre, numa execução de meia hora, Paganini por vezes se esquecia da vítima que era dos seus dons e do seu tempo. E então, como confessa Thomas Moore, vinha um minuto, dois, de música verdadeira, momentos da arte mais suprema, raros momentos em que a onisciência do anjo prevalecia sobre os desejos daquela *signora* Teresa Bocciardi, que ambicionara dar à luz apenas ao maior dos violinistas.

Mas aquela população europeia do princípio do século, em que uma sociedade nova se fazia, Paganini vinha servir com absoluta precisão. Tanto ele, como logo em seguida Liszt, são como que valores místicos da técnica. Da técnica e da vida... Da mesma forma que elevavam a técnica de execução a alturas inconcebíveis antes, que a tornavam um deslumbramento que se satisfazia em si mesmo, ambos caminharam dentro da vida, manobrando-a com as forças insabidas da Divindade. Liszt o fez para se aproximar de Deus, martelando amores estrambólicos de platonismo, se fazendo padre e acabando em Deus. Paganini ao contrário, fez pacto com o Tinhoso, e a gente do povo lhe incendiava pela existência de lendas escandalosas.<sup>12</sup>

Mário parece sintonizar o texto com o vigor da música de Paganini. O compositor italiano que viveu de 1782 a 1840 tinha domínio total do violino e, segundo muitos, foi o

maior violinista de todos os tempos, com um carisma pessoal e uma mística demoníaca capazes de criar um modelo para o *virtuose* romântico. Esse arrebatamento parece estar no texto de Mário, disposto a impactar o leitor como se pudesse transcrever a música do violinista genovês, cujos concertos para violino e orquestra tornaram-se estimulantes para uma geração de compositores. Curiosamente, Paganini soube compreender o valor da imagem, e assim como desmentia as histórias de seu pacto com o demônio, preferindo contar que a mãe recebera a visita de um anjo em sonhos profetizando sobre o nascimento e a genialidade do filho, adorava improvisar em suas apresentações, às vezes chegava à exaustão e até a machucar os dedos. Toda a força da encenação também aparece na crônica, de modo a criar o cenário ideal para o compositor de *Moto Perpetuo*.

O percurso de duas crônicas-irmãs, A linguagem radiofônica e A língua viva, também mostra parte significativa e peculiar da história do livro. O datiloscrito na pasta *Os Filhos da Candinha Projeto de Ilo volume uno* sob o título De Linguagens (mantendo os subtítulos I – A linguagem radiofônica e II – A língua viva) os dois textos originalmente publicados em datas diferentes, respectivamente a 3 de fevereiro e 10 de março de 1940. A fusão que manteve os subtítulos ocorreu, primeiro, na *Revista da Academia Paulista de Letras* em março de 1943, no artigo Considerações sobre a Linguagem. O manuscrito que utilizamos modifica o texto da revista, e também diverge das versões dos textos encontradas em *O empalhador de passarinho*, em que as crônicas aparecem separadas, de acordo com a primeira publicação. A trajetória foi, portanto, ligeiramente bifurcada, embora os textos nunca tenham sido separados de fato, em acordo com a unidade do assunto. Ao refundir o texto em duas partes, Mário reorganiza as crônicas pela unidade de assunto, mantendo clara a intenção de subdivisão, uma tônica em seu modo de organizar texto e pensamento.

Na crônica Romain Rolland, músico, publicada pela primeira vez em 23 de abril de 1944 e, postumamente, em *Música, doce música* (1946), a abertura conta uma história pessoal de modo a oferecer ao texto o tom típico do necrológico. O cronista se apresenta por intermédio da sua relação com o falecido. No entanto, ao detalhar seu envolvimento com a obra do músico e estudioso, como acontece em outros textos, Mário deixa escapar suas próprias memórias, entre as quais a que explica (e, de certa forma, desmente) uma das histórias mais divulgadas a seu respeito, a de que ele não emprestava livros:

O que eu sofri por causa desses livros... Amando os meus exemplares desadoradamente uma vez fiz um sacrifício cujo heroísmo, só os bibliófilos sinceros podem apreçar: emprestei-os a um amigo moço que estava se dedicando à musicologia. Aliás franqueei toda a minha biblioteca a ele o que fazia com que esse amigo às vezes tivesse dez e doze livros meus consigo. Eis que sucede um desastre e o rapaz morre. Lá estavam na casa dele as minhas primeiras edições de Romain Rolland. Quando me apercebi disso, não soube resistir fui lá. Mas a família se recusou a entregar nada, porque pretendia guardar a



lembrança dos livros do filho, e não tinha a certeza de que os meus livros fossem meus. Aguardei isso na lata, amigos, vindo dum velho em preto e em lágrimas. Desde então principiei percebendo que o ex-libris não é granfinismo só, nem egoísmo não emprestar livros. Mande fazer um ex-librisinho sem frase em latim, e escrevi em todas as minhas estantes: “Não empreste livro. A casa é sua, venha ler aqui”. Continuei emprestando da mesma forma, está claro...<sup>13</sup>

Em algumas crônicas do volume, conforme se pode observar pelo exemplo acima, não é estranho a reminiscência incorporar-se ao curso da ideia ou da descrição mais objetiva. É possível dizer que, ao contrário de contaminação, a crônica crítica recebe elementos indispensáveis à compreensão dessa modalidade do gênero narrativo, com o cronista se sobrepondo ao crítico e o texto menos altivo, mais íntimo do leitor, revelando os bastidores do pensamento, de maneira que o comentário parece se fundir à sagacidade e à intuição.

Em Romain Rolland, músico, podemos ter acesso imaginário ao que foi a biblioteca de Mário de Andrade (depositada com seu acervo no Instituto de Estudos Brasileiros) e ter uma ideia de sua dimensão, graças às fontes que o autor utiliza. Mário possuía uma edição da *Encyclopédie de la Musique et Dictionnaire du Conservatoire*, monumental obra de referência em cinco volumes organizada por Albert Lavignac (1846-1916), professor do Conservatório de Paris, músico e membro do Conselho Superior de Ensino, e terminada em 1913 por Lionel de la Laurencie (1861-1933), presidente da Sociedade Francesa de Musicologia. As edições dos anos de 1920 alcançaram seis volumes, fartamente ilustrados. A contribuição de Romain Rolland está no segundo volume, que trata da Itália e da Alemanha, e no terceiro, que trata da França e da Inglaterra. Seus escritos ali se concentram no exame da ópera do século XVII, na Itália (um capítulo) e, na forma de capítulos de introdução, sobre as origens da ópera alemã e da ópera na França do século XVII, com algumas páginas tratando da vida e obra de Lully, e sobre a ópera inglesa no século XVII. Outro nome importante entre os musicólogos é o do francês Henry Prunières (1886-1942), propagandista da arte contemporânea de grande destaque, especialmente no período entreguerras, sobretudo na direção de *La Revue Musicale* (1920-1939), uma referência. A obra de Prunières é vastíssima, e constam na Biblioteca de Mário de Andrade muitos exemplares, incluindo: *Nouvelle histoire de la musique* (Paris: Aux Éditions Rieder, 1934-1936, 2 v.), *La vie illustre et libertine de Jean-Baptiste Lully* (Paris: Plon, [1929]), *L'opéra italien en France avant Lully* (Paris: E. Champion, 1913), *Le ballet de cour en France avant Benserade et Lully* (Paris: H. Laurens, 1914).

### Entre a coragem e o risco

O processo intelectual admite a percepção rápida, a intuição luminosa e também a longa meditação. As crônicas destes *Filhos da Candinha Ilo. volume* demonstram a capacidade de incorporar ao texto os três aspectos ou fases de uma concepção crítica. Além disso, as peças são menos aprofundadas que os ensaios e frequentemente misturam mais de uma orientação de assunto ou estrutura, coisa própria do gênero híbrido, quase a despistar o leitor e disfarçar o intuito. Ligeira mudança de direção nos leva da análise de uma atitude artística ao parecer sobre um ensaio fundamental para os estudos literários, como em *Do cabotinismo*, crônica que se abre com uma bela reflexão sobre o impacto das novas teorias e ciências sobre a criação e comportamento do artista, trazendo uma consideração fundamental: “Os artistas estão se tornando conscientes dos mil e um cabotinismos que adornam a arte verdadeira”<sup>14</sup>. Assim, o artista vai passando de predestinado a cabotino. Como provas, o cronista levanta dois ensaios: *The truth about an author*, de Arnold Bennet e, especialmente, *The philosophy of composition*, de Edgar Allan Poe, e prossegue na argumentação disposta a relativizar o conceito de cabotinismo apenas o suficiente para explicar que a vivência autêntica de um artista não pode ser mascarada e que, por outro lado, o espelho da consciência é capaz de mostrar a perda de autoidentidade.

Para Anatol Rosenfeld, em sua leitura do artigo de Mário de Andrade, o dilema do artista ao manipular a subjetividade é ainda mais perturbado pelas metas da genuinidade e da autenticidade, que abalam a sinceridade da expressão de si, tanto mais estiverem infiltrados certos exageros cuja consequência é a dúvida sobre a própria sinceridade da sinceridade (ROSENFELD, 1973, p.189). Segundo o crítico, a supervalorização desta é sintomática durante um período de transição entre tradição e renovação, quando o artista permanece determinado em larga medida pelo espírito coletivo, embora faça questão de afirmar a individualidade do caráter subjetivo de sua obra. Nesse estado de coisas, o escritor que revela a sua duplicidade desfazendo as próprias máscaras tenta exercer “a qualidade superior da boa-fé”, atitude presente ao longo da obra de Mário de Andrade e, de acordo com Rosenfeld, virtude apurada “na verificação da simplicidade impossível e da duplicidade inevitável” (ROSENFELD, 1973, p.190).

Ainda na carta de 20 de abril de 1942 a Manuel Bandeira, Mário confessava:

É estranho: principiei esta carta em estado simples mas agora me sinto num tal ou qual estado de tristeza... Deve ser essa sempre angústia de querer o melhor... Me fica assim como uma sensação de leviandade, de estar praticando um ato de leviandade dando estas coisas para a impressão em livros. Uma aspiração fatigada de refazer tudo isso, pensando no ‘livro’ e não pensando ‘artigo’ com que tudo isso foi escrito. Valerá a pena?... Valerá a pena, meu Deus!...<sup>15</sup>

Em sua maturidade, o crítico percebe as fragilidades de seu método e parece duvidar do próprio fôlego. Nesse sentido, o conjunto de *Os Filhos da Candinha - Ilo volume*, com o ritmo marcado firme, é quase uma abjuração desse sentimento hesitante. Embora a reunião mantenha a leveza da prosa de crônica, capaz de minar o alcance crítico, há momentos de intensa sintonia com o projeto ideológico (e linguístico) de Mário de Andrade, disposto a mostrar a importância da atividade intelectual como benefício voltado para a sociedade – daí as cobranças no que diz respeito à ação da *intelligentsia* brasileira.

Mário não teve medo de mergulhar em leituras de ciências novas como a antropologia, provavelmente movido pela curiosidade intelectual e pelos contatos que estabelecia na cena cultural paulistana. Somada à força de seu trabalho literário, essa disposição também contribuiu para a configuração de um modelo moderno de erudição, capaz de questionar o valor e as funções de expressões culturais.

Na crônica *Do cabotinismo*, a determinação em modelar o intelectual brasileiro talvez esteja um pouco mais à vontade, sem ferir um mandamento acerca da finalidade da crítica para Mário, que vale ser repetido:

Ela não deverá ser nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática, mas exatamente aquela verdade transitória, aquela pesquisa das identidades “mais” perfeitas, que ultrapassando as obras, busque revelar a cultura de uma fase e lhe desenhe a imagem. Ah, os malabarismos políticos da nossa atual literatura!<sup>16</sup>

Não há dúvida de que Mário pensava a crítica como reveladora do caráter de experiência humana da literatura. Nesse sentido, é possível notar a sintonia estabelecida entre o princípio mariodeandradiano e algumas das bases do pensamento de Antonio Candido no que se refere às definições do espírito científico disposto a tratar a obra literária. Aproveitando as considerações de Gaston Bachelard, Candido nos ensina que o devaneio e sua carga imaginativa formam uma origem comum para a reflexão científica e a criação poética (CANDIDO, 2002, p.81-82). Assim, a tarefa crítica tem uma base estética e pragmaticamente equilibrada, permitindo à interpretação que se preocupe com a literatura como objeto de conhecimento, em seu momento mais analítico, para investigar a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana, num momento de exercício crítico propriamente dito, e, finalmente, na etapa mais abstrata, possa demonstrar como a obra literária exprime o homem e atua em sua formação, como forma de conhecimento do mundo e do ser. (CANDIDO, 2002, p.80)

O equilíbrio entre as intenções estéticas e pragmáticas parece ter encontrado, no terreno da crônica de Mário de Andrade, a aparente transitoriedade da verdade com a qual se identificou. Assim, como numa *matriochka* interna, a refletir no movimento dos textos a

disposição do conjunto, podemos ler algumas crônicas, tendo em mente uma arquitetura cuidadosa, disposta a se explicar como estrutura e conteúdo. Nada mais justo para quem escrevera “A crítica é uma obra-de-arte, gente.” (ANDRADE, 1993, p.14)

Contudo, ao redor de 1922, a experiência estética não se mostrava exatamente compatível com os conceitos elaborados por Mário de Andrade. Dizendo de outro modo, não foi a elaboração de uma poética o carro-chefe das reflexões do autor naquele momento polêmico. A reviravolta, ou simplesmente o complemento por oposição e a consequente expressão dialética em que deve se equilibrar a moralidade do artista são as etapas de um processo que não pretendemos abordar aqui, mas que encontram análise cuidada com Roberto Schwarz, para quem Mário teria encontrado também a forma adequada de pensar filosoficamente a obra de arte, além de ter podido exercer, ao mesmo tempo, as contradições de sua poética e uma atividade crítica excelente. (SCHWARZ, 1981, p.13-23)

Na organização da pasta que dá origem ao segundo volume de *Os Filhos da Candinha*, Mário recompôs a cronologia dos artigos e alterou elementos, disposto a recolher visadas de seu pensamento crítico, mantendo alguns propósitos. Por isso, não teme em inserir textos como *Convalescença*, de 1923, em que foi hábil em criar uma situação metafórica para exprimir a “ressaca” provocada pelo impacto do Modernismo (ou do “incidente futurista no Brasil”):

Estou melhor. Obrigado. Um pouco fraco. Ainda não me reconheço bem. [...] Mas estou muito pobre de forças, convalesço. Não sou bem eu. Meus sentidos jazem muito longe uns dos outros, não podem se corresponder. A convalescença não é mais do que isso. Parte-se por aí [...] a colher no vasto rosal das sensações, os sentidos, a memória, a razão, a imaginação, a consciência - flores dispersas com as quais comporemos de novo o ramilhete da personalidade. [...] Procuo alguém para me queixar da fraqueza, ninguém. Um despeito me faz dizer dos meus que são uns ingratos. [...]

A gente faz sempre das convalescenças um exagero sentimental. Brinca-se com a doença. A morte já está longe [...]... Nós é que, num desperdício de sensibilidade, lhe imaginamos o cariz desabrido na frincha das portas abertas sem rumor. Afora essa integração de forças e faculdades, que faz a realidade do convalescer, esforçamo-nos, como que por um anseio artístico, a criar a parte divertida da convalescença. [...]

Outro efeito curioso das convalescenças é a ressurreição da bondade. Sem dúvida há convalescentes rabugentos, principalmente entre os velhos. Mas não será porque a convalescença desperta nestes a ideia de vida grande por viver, e porque sabem que pra eles isso é uma ilusão? Então se irritam, têm pressa, tornam-se impacientes. Rabugice. Mas geralmente só depois de 45 anos, antes não. A gente sente-se muito bom, disposto a perdoar, a reconciliações. Em mim essa bondade se manifesta principalmente em relação ao passado. A doença é um eclipse na vida. Lacuna que soluciona a continuidade de ser. Recomeçar: convalescer. Mas ninguém vive sem passado. É preciso ligar de novo o fio telefônico que a doença partiu e pelo qual as fontes tradicionais nos sussurram à alma o mistério das volições. Penetrei-me de passado, lendo, não os imensos, os gênios, mas os de menor grandeza, borboletas dum só dia. Os gênios são muito pessoais; sua clássica universalidade é demasiado orgulhosa pela rudeza e vulto das

lições que apresenta. Não quadram os gênios com minhas convalescenças. Os outros, pelo brilho menor e mais transitório que fagulham, possuem melhor campo onde a bondade se exercite.

Chegando a esta altura da cisma, ponho-me a pensar que as convalescenças não pertencem unicamente a doenças físicas, há também as convalescenças espirituais. O incidente futurista no Brasil... Esse período terrível que vem desde meados de 1920 até a Semana de Arte Moderna, Fevereiro, ainda Março de 1922, não foi senão uma doença grave, gravíssima, que alguns espíritos moços brasileiros sofreram. E que febres! delírios!<sup>17</sup>

É possível recordar um expediente analogamente irônico com o leitor bastante utilizado por Machado de Assis, em suas crônicas produzidas após 1888, especialmente nesta abertura, em que a metáfora do convalescente reluz:

Não me acham alguma diferença? Devo estar pálido, levanto-me da cama, e se não fosse a Alfaiataria Estrela do Brasil... Quero dizer o xarope de Cambará, ainda agora lá estava. Podia contar-lhes a minha doença; para os convalescentes não há prazer mais fino que referir todas as fases da moléstia, as crises, as dores, os remédios; e se o ouvinte vai de *bonde*, ruminando alguma coisa, então é que a narração nunca mais acaba. Descansem, que não lhes digo o que foi: limito-me a cumprimentá-los. E vosmecês, como vão da sua tosse? Provavelmente não perderam o *pique-nique* [...], nem sessões de câmaras [...]. E eu de cama, gemendo, sabendo das coisas pelas folhas. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.120)

Perseguindo outro objetivo, a crônica de Mário de Andrade vai numa direção diferente. Se o cronista do século XIX disfarçava sua ironia no humor capaz de incluir a postura do foco narrativo, a ponto de incomodar o leitor mais arguto que se identifica com a provocação, a Convalescença dos anos de 1920 vai perdendo a máscara ficcional para assumir uma posição diante das vanguardas e o papel delas no contexto brasileiro:

Agora é a convalescença. De novo a calma. De novo a bondade. Os novos exageros se justificam pela procura de expressão. Recolhemos os pesados calhaus que atiramos aos ídolos do passado; e com eles fazemos os buris, os escopos, antes machados de pedra, com que desbatar no vasto paredão do tempo, o novo ídolo por adorar. Assim: é o esboço desta escultura que aparece aos vesgos como exagero. São tendências, esforços, soluções, algumas logo abandonadas, outras em evolução. Si em tudo isso muitos veem exageros, a culpa não é nossa, é do vesguear desses muitos. O seu ídolo deles é diferente do nosso. Mas nem por isso é deus único. Agora é Dionisio, dórico e primitivo, que desenha no granito as formas ásperas e sem riqueza.

No vasto paredão do tempo os ídolos de arte, esculpidos pela ilusão humana, não se superpõem, sucedem-se. E olhamos as estátuas divinas ficadas atrás, junto às quais nosso joelho não se dobra, não mais pra lhes atirar pedrouços, mas para, em nossa bondade convalescente, amar-lhes a lição.

Repor-nos-emos assim dentro do tradicionalismo, sem o qual ninguém vive. Tradicionaliamos brasileiro? Também, porque não? pela penetração panteísta da terra, pela compreensão histórica da raça e

pelo servir-se duma língua, evolutiva, sem dúvida, mas sem exageradas deformações. Nosso tradicionalismo, porém, será principalmente humano e universal. [...] Bondosa convalescença! Por isso o elo que nos ligará ao passado é mais uma evolução que continua tendências universais, generalizadas ou generalizáveis, pelas quais, sem abandonar as características raciais, nos universalizaremos. Russos, espanhóis, chins e tupinambás.

[...]

Há de fato, em nosso *futurismo*, quebra de evolução brasileira. É que, coisa mil vezes dita, durante quasi século, com vários lustros de atraso, fomos uma sombra de França. Sombra dourada, sempre sombra. Nós, os modernistas, quebramos a natural evolução. Saltamos os lustros de atraso. Apagamos a sombra. Mas somos hoje a voz brasileira do coro “1923”, em que entram todas as nações. Poderia documentá-lo. E por isso a solução de continuidade na tradição artística brasileira. [...] Será preciso noutros países buscar nossa evolução. Mas nem por isso deixamos de ser a voz brasileira no movimento que hoje se desenha universal. Movimentos assim avassaladores são raros. Renascença. Romantismo. E, em grande parte pela facilidade de comunicação e rapidez atuais, verdadeiramente universal, só o Futurismo, tão mal crismado quanto os outros.<sup>18</sup>

A consciência de que a particularidade do movimento brasileiro teve – e terá depois de Mário – atribuições ligadas às mudanças no resto do mundo e, ao mesmo tempo, a clareza em afirmar que a oportunidade do que se vivera no país até então era rara, geradora de lições de valor incalculável, faz da crônica um documento importante de reflexão (e testemunho de maturidade) no que tange ao maravilhamento frente ao tempo. Textos como este vêm de uma disciplina obstinada e engenhosa contra o deslumbramento do intelectual e do artista. E, sobretudo, confirmam o “radar privilegiado” (MICELI, 2009, p.163) de Mário de Andrade.

A argumentação parece ser a força latente nos textos que compõem o planejado volume. Ancorada na independência do cronista, ela é exemplar quanto à lucidez que sempre se renova, alimentando-se do desejo de explicar sempre. Vocação mais do que didática, trata-se não apenas de aparentar estar sempre a favor do contra, mas de oferecer ao texto intenções afins com o papel do intelectual brasileiro que não reconhece o fato consumado, não capitula diante da imposição do terreno prático e não nega o direito de discutir, de argumentar para transformar a realidade e, nesse sentido, não permite a instalação de repressões (como a censura, por exemplo) nem a deturpação exagerada de frases carregadas de sentidos ocultos, como “Contra fato não há argumento” – o papel do intelectual consiste em fazer e afirmar o contrário.<sup>19</sup> As crônicas críticas de Mário de Andrade provam que não é preciso manter uma postura (pessoal ou textual) grandiloquente nem histriônica para demonstrar o caráter e a verdade.

A edição para a qual colaboramos com esta pesquisa resgata o segundo volume de *Os Filhos da Candinha* e lhe oferece formato de livro, lembrando o momento de 1944 como resultado da gênese desde 1942, se ficarmos com o projeto dos dois volumes; e como

marca da “insatisfação desesperada” de Mário, se observarmos o percurso de mais de vinte anos feito pelo autor neste *Os Filhos da Candinha II*.

O ponto de partida da organização do volume foi a classificação dos manuscritos realizada pela professora Aline Nogueira Marques, cuja pesquisa nos forneceu as datas apostas ao título do manuscrito, correspondentes aos prováveis momentos da reescrita do texto, grafados com colchetes e ponto de interrogação. As preciosas notas da pesquisa de Aline Marques nortearam este tópico, fornecendo as pistas lidas e relidas do caminho que tentamos reconstituir.

Recebido em 22/3/2011

Aprovado em 10/4/2011

## NOTAS

<sup>1</sup> CUNHA, Paulo José da Silva. *No écran das folhas brancas: o cinema nas leituras, produção jornalística e criação literária de Mário de Andrade*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2009. Deste trabalho vem a coletânea ANDRADE, Mário de. *No cinema*. Org. Paulo José da Silva Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

<sup>2</sup> O volume *Os Filhos da Candinha* teve, na coleção da Editora Agir dirigida por Telê Porto Ancona Lopez, texto estabelecido por João Francisco Franklin Gonçalves e Aline Nogueira Marques (Rio de Janeiro: Agir, 2008). A transposição realizada por Mário de Andrade dos artigos dele para o livro de crônicas (publicado pela primeira vez em 1943) por intermédio das anotações de trabalho foi estudada por João Francisco em sua dissertação de mestrado na FFLCH-USP, em 2006, *Os Filhos da Candinha: edição anotada do “exemplar de trabalho” da coletânea de crônicas de Mário de Andrade e em A história de um livro, no dizer de seu autor, apresentação da edição acima citada*.

<sup>3</sup> Carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 200, p. 577.

<sup>4</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.), op. cit., p. 179.

<sup>5</sup> Cf. carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 20 de abril de 1942. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.), op. cit., p. 660.

<sup>6</sup> Dessa primeira versão de 1943 constam os nove ensaios: Tristão de Ataíde, A poesia em 1930, Luís Aranha, ou, a poesia preparatoriana, Machado de Assis, Castro Alves, Memórias de um Sargento de Milícias, A volta do condor, O Ateneu, A elegia de abril.

<sup>7</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 20 de abril de 1942. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.), op. cit., p. 662.

<sup>8</sup> Vale lembrar que o caminho dessa produção jornalística até os livros resultou na reunião *Táxi e crônicas do Diário Nacional*, organizada por Telê Porto Ancona Lopez, em 1976, e em significativa porção de *Aspectos da Literatura Brasileira*, de *O empalhador de passarinho* (estruturado pelo autor em 1944, publicado postumamente em 1946) e da edição preparada na pasta *Crítica-Rio* do Arquivo Mário de Andrade, série manuscritos, origem do volume *Vida Literária*, organizado por Sonia Sachs, em 1993.

<sup>9</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 20 de abril de 1942. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.), op. cit., p. 661.

<sup>10</sup> CANDIDO, Antonio. Lembrança de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *O observador literário*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 94. O texto foi publicado pela primeira vez na *Revista do Arquivo Municipal*, em 1946.

<sup>11</sup> ANDRADE, Mário de. Paganini. Versão em datiloscrito original de terceiro, p. 1. Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscritos. A versão aqui apresentada reproduz o datiloscrito depositado na pasta *Os filhos da Candinha*, na série Manuscritos Mário de Andrade, cópia da versão publicada com rasuras. Alterações refundem o texto e configuram duas etapas na escritura. O texto passou a integrar o volume *Música, doce música*, sétimo das *Obras Completas* de Mário de Andrade da Editora Martins, realizado com colaboração de Oneyda Alvarenga.

<sup>12</sup> Idem, p. 2-3.

<sup>13</sup> ANDRADE, Mário de. Romain Rolland. Recorte de jornal. Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscritos. Esta crônica foi publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1944 com o título Romain Rolland, Músico. Nossa fonte é o recorte dessa publicação localizado na pasta *Os filhos da Candinha* da série Manuscritos Mário de Andrade.

<sup>14</sup> ANDRADE, Mário de. Do cabotinismo. Recorte de jornal. Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscritos. O texto está na forma de recorte de jornal na pasta *Filhos da Candinha* e constitui a versão de exemplar de trabalho, apresentando anotações para supressão e deslocamento no texto. Esta crônica crítica foi publicada em 23 de julho de 1939, em *O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, em 1946, no volume XX das *Obras Completas O empalhador de passarinho*, em edição da Martins.

<sup>15</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 20 de abril de 1942. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.), op. cit., p. 662.

<sup>16</sup> ANDRADE, Mário de. Começo de crítica. In: \_\_\_\_\_. *Vida Literária*. Pesquisa, estabelecimento do texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993, p. 14-15. O texto foi publicado pela primeira vez no *Diário de Notícias* em 5 de março de 1939.

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. Convalescença. Versão na cópia em datiloscrito original, p. 1-3. Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscritos. Esta crônica foi publicada em agosto de 1923 na *Revista do Brasil*, ano 8, n. 92, p. 336-339. No datiloscrito da pasta *Os filhos da Candinha* as correções a grafite e a tinta preta refundem o texto e configuram três etapas na escritura.

<sup>18</sup> ANDRADE, Mário de. Convalescença. Versão na cópia em datiloscrito original, p. 3-5. Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscritos.

<sup>19</sup> CANDIDO, Antonio. Censura-violência. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 224. O texto é de 1979.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *No cinema*. Org. Paulo José da Silva Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ANDRADE, Mário de. Começo de crítica. In: \_\_\_\_\_. *Vida Literária*. Pesquisa, estabelecimento do texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.

CANDIDO, Antonio. Lembrança de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *O observador literário*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. Censura-violência. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CUNHA, Paulo José da Silva. *No écran das folhas brancas: o cinema nas leituras, produção jornalística e criação literária de Mário de Andrade*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2009

FIGUEIREDO, Tatiana Maria Longo dos Santos e Nogueira. *Café: o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2009.



---

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Crônica de 6 de outubro de 1888. In: \_\_\_\_\_. *Bons dias!* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec; Editora da Unicamp, 1990.

MICELI, Sérgio. Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro. In: BOTELHO, André e SHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAES, Marcos Antonio de (org). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Mário e o cabotinismo. In: *Texto/Contexto*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, 1973.

SCHWARZ, Roberto. O psicologismo na poética de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *A sereia e o desconfiado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.